

“La Chola Poblete: Pop andino” e “Sandra Gamarra Heshiki: réplica” inauguram programação anual do MASP

*As duas exposições integram a agenda 2026 do museu
dedicada às Histórias latino-americanas*

LA CHOLA POBLETE: POP ANDINO



*Sem título,
da série
Hasta la
tristeza es
distinta con
el Sol (Até
a tristeza
é diferente
com o Sol),
2025*

Foto:
Lista Registra
Studio

Primeira exposição individual da artista no Brasil, a mostra reúne trabalhos que partem da arte pop e a ressignificam em um contexto latino-americano, articulando discussões sobre gênero, sexualidade, identidades *cholas* e os efeitos do colonialismo. Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico do MASP, e de Leandro Muniz, curador assistente da instituição, a exposição “*reflete sobre os legados coloniais na América Latina, partindo da biografia da artista para discutir as presenças indígenas, populares e híbridas na Argentina*”, como afirma Muniz.

Chola é um termo marcado pelo uso recorrente como injúria racial contra mulheres de ascendência indígena em países da região dos Andes, como Argentina, Peru, Equador e Bolívia. Ao incorporá-lo em seu nome e discuti-lo em sua obra, La Chola Poblete desmonta estigmas e estereótipos por meio de sua reapropriação e rearticulação.

Na série de aquarelas *Virgenes cholas* (*Virgens cholas*) (2022 – em processo), a artista une divindades andinas e católicas, referências à música e à moda, frases de protestos políticos e dados autobiográficos. Juntos, esses elementos assumem uma dimensão coletiva ao evidenciar conflitos e potencialidades vividas por artistas oriundos de grupos historicamente marginalizados.

Nos cartazes *PAP ART / Pop Andino* (2023), dispostos em uma das paredes de abertura da exposição, Poblete constrói uma *persona* de cantora em turnê, em diálogo com a cultura pop e a lógica



Purple María (Maria Púrpura), da série *Virgenes cholas*
Foto: Lista Registra Studio

da divulgação musical. Entre suas referências está a capa do álbum *ARTPOP*, de Lady Gaga. A narrativa sobre a *chola* como uma figura a ser admirada também atravessa o *Manifesto Pop Andino* (2023) – obra sonora que dá título à exposição – disponível nas principais plataformas de áudio e que se inicia com a frase: “*Meu gênero é artista*”.

Em *Il Martirio di Chola*, fotoperformance na qual mobiliza códigos do retrato barroco, como a pose em três quartos e o fundo escuro, a artista incorpora signos da identidade *chola*, como a bolsa de *aguayo* – tecido tradicional andino – e as tranças,



No era um chico triste, era um HDP (Não era um garoto triste, era um FDP), 2025

Foto: Florencia Lista – Lista Registra Studio



Virgen del Carmen de Cuyo (Nossa Senhora do Carmo de Cuyo), da série Virgenes Cholas, 2023

Foto: Florencia Lista – Lista Registra Studio

Il Martirio di Chola (O martírio de Chola), 2014

Foto: Cortesia La Chola Poblete

equiparando os sofrimentos das cholas aos de Cristo. O título em italiano remete à tradição clássica da pintura europeia, inserindo a artista no cânone da história da arte ocidental. Ao articular referências do barroco e do pop, dois períodos marcados pela circulação massiva de imagens, Poblete se apropria criticamente desses legados para tensionar narrativas canônicas e marginalizadas.

SOBRE A ARTISTA

La Chola Poblete (Guaymallén, Argentina, 1989) produz performances, desenhos, fotografias e vídeos para discutir as complexidades da identidade *chola* e os legados coloniais na região andina, incluindo a violência contra a população LGBTQIA+ e grupos racialmente marcados, dos quais ela própria faz parte.



SANDRA GAMARRA HESHIKI: RÉPLICA



Producto: cholo (Produto: Cholo), da série Producción/Reproducción (Produção/Reprodução), 2020-21

Foto: Juan Pablo Murrugarra

Com pinturas e instalações, a mostra questiona como a história da arte é contada nos museus e propõe um novo olhar sobre a herança colonial. São mais de 70 obras reunidas na primeira panorâmica da artista, propondo uma retrospectiva de seus últimos 25 anos de produção. A cu-

radoria é de Adriano Pedrosa, Florencia Portocarrero, Guilherme Giufrida e Sharon Lerner, diretora artística do MALI – Museo de Arte de Lima, instituição parceira na organização e que exhibirá a mostra, em versão adaptada, após sua apresentação no MASP.



Doble (Duplo), 2023

Foto: Eduardo Ortega

Em suas obras, Sandra Gamarra Heshiki questiona o papel dos espaços culturais e como suas práticas impactam a produção artística. Essa crítica institucional motivou a criação, em 2002, do museu fictício *LiMac – Museo de Arte Contemporáneo de Lima*. Esse museu imaginário, que existe como arquivo em um website, respondia tanto à ausência de um museu de arte contem-

porânea em Lima na época quanto ao modo como muitas instituições ainda contam a história a partir de um ponto de vista de matriz europeia.

“Se o museu é um lugar a partir do qual a história é ditada, por que não criar um museu que, sob o mesmo manto de autoridade e permanência institucional, conte uma história diferente? Um museu que possa olhar para si mesmo, questionar-se, complexificar suas próprias narrativas e contar mais do que histórias de progressão linear”, provoca Gamarra.

Para evidenciar como a história da arte é construída por meio de recortes, exclusões e hierarquias, a cronologia clássica é intencionalmente apropriada nesta exposição. *“Em Réplica, Gamarra reflete, literalmente, o espaço – sobretudo a cronologia dos museus enciclopédicos – e a matriz linear da história tão criticada por Lina Bo Bardi, mas que de algum modo é hegemônica no modelo de organização dos museus, tanto nas metrópoles quanto em suas ex-colônias. Assim, a artista produz aqui sua réplica de uma exposição de parte de seu acervo-obra, convertendo-o em um museu com seus fragmentos e aglutinando marcadores destrinchados ao longo de toda a sua carreira”,* afirma Giufrida.

Em *Réplica*, as obras de Gamarra são apresentadas nos núcleos “pré-colonial”, “colonial”, “pós-independência”, “moderno” e “contemporâneo”, além de uma sala dedicada ao LiMac.



Recurso VII, 2019

Foto: Filipe Berndt

A produção de réplicas para ressignificar cânones da arte, subverter discursos colonizadores e resistir a estruturas excludentes é central na obra da artista. Em *Recurso VII* (2019), Gamarra parte das paisagens aparentemente pacíficas de Pernambuco pintadas por Frans Post durante missões europeias no Brasil. Em sua versão, esses cenários são recriados com óxido de ferro, matéria-prima usada por povos originários nas Américas em pinturas rupestres e cerâmicas. Além de reverenciar essas culturas ancestrais, o material vermelho escorre pela tela, remetendo ao sangue e à violência

da colonização. A pintura também apresenta uma faixa branca, elemento utilizado pela artista para diferenciar suas réplicas das obras originais.

Esse recurso também aparece em *Duplo* (2023), realizada na semana final da montagem de *Histórias indígenas*, da qual Gamarra foi uma das curadoras, no núcleo "*Pachakuti: o mundo de cabeça para baixo*". Ao saber que a obra *Habitante de las cordilleras del Perú* (1855), de Francisco Laso, não viria para a exposição por problemas burocráticos em seu país, a artista produziu sua



El que no tiene de inga tiene de mandinga I (Quem não tem inga tem mandinga I), 2007

Foto: Thales Leite

própria réplica para preencher essa ausência. A obra, porém, não é uma cópia idêntica. Além da faixa branca, Gamarra apresenta a figura de Laso invertida, de cabeça para baixo. Essa alteração é um exemplo direto de seu projeto de “inverter o museu” e se conecta ao conceito de *Pachakuti*, termo de origem andina que pode ser traduzido como “o mundo de cabeça para baixo”, referindo-se a transformações radicais na ordem existente.

SOBRE A ARTISTA

Sandra Gamarra Heshiki (Lima, Peru, 1972; vive e trabalha em Madri, Espanha), é descendente de famílias com raízes andinas, afro-peruanas e japonesas. Formou-se em pintura pela *Pontificia Universidad Católica del Perú* e, desde o final dos anos 1990, desenvolve uma prática que articula principalmente pintura, crítica institucional e pensamento decolonial. É a primeira artista não nascida na Espanha a representar o país na Bi-



Imágenes sueltas en la Historia Occidental III (Retratos) (Imagens soltas na História Ocidental III), 2017

Foto: Oak Taylor-Smith

enal de Veneza, na 60ª edição do evento, em 2024, quando apresentou o projeto *Pinacoteca Migrante*. Além do MASP, sua obra integra coleções como *Museum of Modern Art*, *Tate Modern*, *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía* e o *Museo de Arte de Lima*, entre outras instituições.

SERVIÇO

La Chola Poblete: Pop andino

De 6 de março a 2 de agosto
Edifício Pietro Maria Bardi – 2º andar

Sandra Gamarra Heshiki: Réplica

De 6 de março a 7 de junho
Edifício Lina Bo Bardi – 1º andar

MASP – *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand*
Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças (gratuito), das 10h às 20h (entrada até 19h); quarta e quinta, das 10h às 18h (entrada até 17h); sexta, das 10h às 21h (gratuito das 18h às 20h30); sábado e domingo, das 10h às 18h (entrada até 17h); fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório: masp.org.br/ingressos
Ingressos: R\$ 85 (inteira) / R\$ 42 (meia)